

O governo perante a Reacção



O sr. Antonio Maria da Praça... do Comercio, incensando a Reacção
que estrangula o Povo

Ao centro do alvo!

A Plutocracia, eis o inimigo!

Vimos nós, desde o nosso primeiro numero, sustentando vivo combate contra todos os elementos que, enleando-se na vida da Republica, deturpam a propria essencia do regime implantado em 5 de Outubro de 1910.

Esse combate tem sido, pelo menos, temos-nos esforçado porque o seja, leal, violento e firme.

Não arredámos, nem arredaremos um passo em sentido contrário.

Bem adversamente: procuraremos, semana a semana, numero a numero, activar o nosso fogo e melhor dirigi-lo com correções continuas.

E' esta uma posição que gostosamente assumimos. Tomamo-la com a consciencia plena do sacrificio que fariamos, dos prejuizos que dela nos poderá advir e das perseguições que pode provocar. Franco-atiradores da Republica, deslocámo nos um pouco das fileiras a que pertencemos, alargámos o mais possivel as peias partidárias em que, voluntaria e orgulhosamente, nos enleámos para, na certeza que bem servimos a Republica e a Patria, entrarmos no bom combate: o combate a *todos* os que, estrangulando as liberdades populares e ferindo a economia da Nação, procuram, com ambas, arruinar a Patria.

Confessamo-lo: até hoje o nosso fogo tem sido incerto. As pontarias estão mal rectificadas.

Agora, porém, convencidos em absoluto — já o estavamos — de que o maior inimigo da Republica é a Plutocracia; bem informados da teia tremenda, em torno do regime entretecida pela mão criminosa de politicos venais e financeiros rapaces, traidores á Patria e inimigos do Povo, vamos intensificar o fogo.

Vamos dar o grande combate á Plutocracia; aos Tabacos, ao Ultramarino, ao Banco Burnay, á Torlades, ao Fonseca Santos & Viana, etc., etc.; cabeça e tentáculos fortes do polvo enorme que estrangula a Patria; elementos constituitivos do grande *Cambão Financeiro* que nos sufoca.

Começamos hoje e, d'esta vez, estamos certos, fazemos fogo . . . ao *centro do alvo*.

De norte a sul do país — sem o exagêro o afirmamos — levaremos a Verdade em toda a sua tremenda nudez. O País, pela nossa pena humilde mas honrada e ardente no amor pela Republica, terá occasião de ver o grande perigo, palpa-lo e senti-lo para que melhor se possa defender.

○ Povo verá quem arruina as colonias, saberá quem em tal mina tem interesse e saberá quem ao estrangeiro vem entregando, dia a dia, todas as empresas onde se conseguiu infiltrar a sua influencia e poder financeiro!

Esse *Cambão* tragico de ruína e traição vai ser, por nós, desmascarado!

Diremos ao país os nomes que figuram na direcções dessas empresas e dêsses bancos.

Tornaremos publico os nomes dos *politicos* que dentro delas exercem muitos e variados lugares.

Diremos os que só recebem dinheiro e os que o recebem trabalhando pela sua profissão. Diremos tudo o que soubermos!

O Povo poderá ver os *mesmos* nomes do *mesmo* grupo em muitas empresas e assim compreenderá melhor *certos fenomenos* da vida politica nacional.

E, se a nossa voz não encontrar eco, se as nossas palavras não provocarem reacção e defêsa, restar-nos-ha a consciencia plena de bem termos cumprido o nosso dever como portugueses e como republicanos.

Começemos, pois.

A rasão das nossas perguntas

Tudo segredo, tudo misterio! O que oculta o segredo? O que encobre o misterio?

Ha um ano, tal como agora, dentro do Parlamento foram feitas graves acusações e cerrados ataques ao banco emissor das colonias. Disseram-se muitas verdades. Os jornais publicaram algumas e elas eram de tal gravidade e de tal monta principalmente no respeitante à falta de cumprimento de contractos e à falta de justificação das suas contas com o Estado, que foi votada e nomeada uma comissão parlamentar de inquerito ao Banco Ultramarino.

Até hoje, nada se disse ao Povo. Por isso nós preguntamos: Que fez a Comissão? Que mordaza a calou? Que cadeias a prenderam?

Pois então as contas do Banco com o Estado estão erradas, a sua situação é má, e a comissão nada fez e nada disse? Em que situação entraram para um tal Banco os vice-governadores por parte do Estado que, sem conhecerem este trabalho, foram tomar posse e assumir responsabilidades de factos em que não tiveram intervenção?

Não fez nada a Comissão? Pois façam-no agora os vice-governadores do Estado! Vejam e digam ao país a verdade para que este não lhes diga verdades... e amargas!

A questão dos tabacos

Está-se agora discutindo no Parlamento a questão dos tabacos. Grave questão esta para a vida da Republica. No entanto quasi foi posta de afogadilho pelo actual governo. Clara, precisa e a tempo, só defeniou a sua atitude perante tão momentoso assunto a Esquerda Democratica.

Honra lhe seja feita. Defonde a liberdade de comercio e industria. Quanto a nós, esta é a mais moral das soluções. Ha que cumprir as promessas da propaganda! Mas a questão vai ser discutida quasi sem bases, as comissões só à ultima hora visitaram as fabricas, o parecer da comissão de Finanças é — este o seu maior valor — um bom pedaço de prosa em estilo futurista.

A nação vai ser prejudicada pela falta de elementos colhidos. Alguns milhares de contos custará tal incuria e, no entanto, ha muito — em 1924 — que o Parlamento votou a constituição de uma comissão que estudasse, em todos os seus detalhes e aspectos, o problema para informar com cautela governo e Parlamento sobre a melhor solução a adoptar! Essa comissão nada fez ou *nada quis fazer*.

Que mordaza a calou? Que cadeias a prenderam?

Dos prejuizos que a nação sofrer por uma má resolução deste caso, ha que pedir severas contas aos responsaveis, e estes são os homens que constituíam essa comissão! Por isso dizemos ao Povo que pergunte porque nada se fez e porque nada se sabe!

O roubo das 470 mil libras ou o bodo aos banqueiros

Assim historizada e explicada a rasão das nossas três primeiras perguntas, vamos á quarta que é das mais elucidativas e cuja razão de ser constitue o mais descarado crime, a mais vergonhosa cabala desta Republica que nós queríamos bela e sem macula e que o sr. Antonio Maria da Silva e seus acollitos tem transformado num farrapo triste e enodoado! E' o celebre caso das 400 mil libras e que, por sinal, são 500 mil!

Lê com atenção, leitor. Vais ser colocado, em poucas palavras, perante um crime maior do que a celebre liquidação do Banco Lusitano e do Sindicato de Salamanca que tão vibrante discurso provocaram ao republicano illustre que foi Manuel d'Arriaga levando-o a chamar á responsabilidade criminal os ministros da monarchia envolvidos nos dois casos. Lê e pasma. Se não comprehendes bem, *pregunta!*

Como se sabe, os bancos *Espirito Santo, Português e Brasileiro* e *Casa Torlades* (esta, o mesmo é que a Companhia dos Fosforos) deviam ao Estado, desde 1920, *quatrocentas mil libras*.

Apurados os juros que devem ascender a *100 mil libras*, a divida do total, em principios deste ano, seria de *500 mil libras*.

Pois bem. O governo do sr. Antonio Maria da Silva tais e tão estranhas contas fez que se *contentou* em exigir dos bancos *Espirito Santo, Português e Brasileiro* e *Casa Torlades* (fixa bem estes nomes porque te devem dinheiro e porque terás de lh'ó recordar um dia) não as 500 mil libras propriedade do Estado, divida ao Estado, divida ao Povo mas *!só trinta mil e a pagar em seis anos e sem juro!*

Como é isto possível? *Pregunta! Pregunta!*

O vigario da «Sociedade Nacional dos Fosforos»

Mas isto é um triste sudario. Nunca acaba. Não termina neste numero.

As vergonhas são tantas que, mesmo assim

A CHOLDRA

em cacho, bem podem ocupar — as maiores — d'oze numeros do nosso semanario.

Vamos agora aos fosforos. A' celebrada Companhia dos Fosforos com praça assente no *Seculo* onde tem 500 contos de acções e com dominios aquem e alem mar em Africa com a sua Companhia Colonial dos Fosforos!

Vamos a esta companhia defraudadora do Estado, "pobresinha que distribui dividendos enormes, desdobra capitais, lança-se em varias aventuras e não paga o que deve.

A lei que regula o fabrico e venda dos fosforos em Portugal, estabeleceu que nenhuma empresa poderia constituir-se sem entregar ao Estado 25 % do seu capital em acções ou quota correspondente e, provendo a hipotese de um logro — com tais cavalheiros todo o cuidado é pouco — estabeleceu que o capital de nenhuma empresa, para o efeito do calculo daquella percentagem—seria inferior ao valor dos seus estabelecimentos fabris. Quando ha um ano o Estado perguntou á Companhia em quanto avaliava — para efeito de expropriação — as suas fabricas, esta respondeu que em 60 mil contos não obstante o facto de, no ultimo balanço, as fazer figurar como valendo só 3 mil.

Agora a Companhia transformou-se em *Sociedade Nacional dos Fosforos* com o capital de... 12 mil contos, attribuindo ao Estado só 3 mil.

Percebes, leitor? Com o silencio cúmplice gratuito ou não de muitos, a Companhia vigarisou o Estado, *vigarisou-te* a ti que és o Povo e a choldra, porque *devendo por lei* não ter um capital inferior ao valor das suas fabricas (60 mil contos) se constituiu só com 12 mil e, devendo dar ao Estado uma quota ou acções no valor de 15 mil contos, lhe deu, feito o vigario, só *trez mil!*

E todos se calaram. O sr. Antonio Maria da Silva, o sr. Marques Guedes... Todos!

E, quando se quis—quis o governo do dr. José Domingues dos Santos—acabar com o monopolio, este ressurgue mais forte para te roubar mais e melhor. E não já só de fabrico mas tambem de importação visto que a *Sociedade Nacional de Fosforos* está hoje ligada aos maiores sindicatos mundiais productores e exportadores de tal producto!

Que dizes? Não fazemos bem em te dizer que perguntas. Mas não fiques por aqui.

Pergunta tambem porque não te dizem o resultado do exame á escrita da Companhia mandado fazer quando, na discussão da questão dos fosforos, no Parlamento se afirmou não pagar ela ao Estado tudo quanto devia. Pergunta porque razão o contabilista nomeado, o sr. João Baptista d'Araujo, ainda nada fez ou porque, se o fez, o governo faz segredo do seu trabalho?

A fechar

Ah! leitor amigo, como nos treme a pena de indignação perante toda esta serie tremenda de

escandalos em que homens que se dizem republicanos ameaçam subverter o regime que tantos, com sangue, com lagrimas e com sacrificios, ajudaram a implantar radiosos de esperança, cheios de fé nos destinos da Patria.

Como nos treme a pena de indignação e nojo ao ver alguns velhos republicanos arrastados na voragem da venalidade caindo nos braços dos monarchicos que quasi todos ellos são os que governam, dirigem e mandam nestas companhias e bancos onde se rouba o Povo, onde se vigarisa o Estado e onde se prepara a ruina da Nação!

Se não fosse grande, pela nossa imensa fé e amor á Republica, a certeza que temos do aproximar de melhor dias; se não fôsse tão forte a nossa confiança na revolta da consciencia popular que, mais tarde ou mais cedo, hade ter a sua eclosão; se não confiássemos em absoluto na redempção da Republica—quebrariamos a nossa pena e recolheriamos apaticos, embora de alma torturada, ao socego do profissionalismo pelo profissionalismo deixando o amor pela independencia moral que agora nos faz escrever e voltar!

Vivemos na lama! . . .

Augusto Pinto

Escritor brilhante, jornalista moderno, Augusto Pinto marcou em pouco tempo, no nosso profissionalismo, um lugar que o honra e nos honra.

Encarregado pelo «Diario de Noticias» da reportagem da ultima reunião da Sociedade das Nações, as suas cronicas, sintilantes, plenas de espirito patriótico e belesa literaria bem se pode dizer teem-se destacado entre as dos outros jornais.

Augusto Pinto regressou já de Genova. Abraçamo-lo afirmando-lhe a nossa amizade e admiração.

A ignorancia das leis sociais gera a credence nas ditaduras, como a das leis fisicas a credence nos milagres. Só assim se explica a erupção fatal de taumaturgos politicos, herdeiros inconscientes dos sinistros inquisidores, pretendendo igualmente salvar-nos á força. Não! A tolerancia pelos crimes passionais vai passando. E nada mais execravel do que o tórvo ciume pelo bem da Patria, que a fere profundamente no que ella tem de mais vital e sagrado, a dignidade da sua soberana independencia.

Se a ninguém é licito impôr serviços forçados nem a selvagens, a título de os civilizar, como os ha-de suportar vilmente um povo ativo, orgulhoso, como o nosso, da sua hombridade historica? Mas que perda de tempo, de haveres imprescindiveis, se não mesmo de vidas irreparaveis, as investidas ditatoriais nos têm repetidamente infligido!

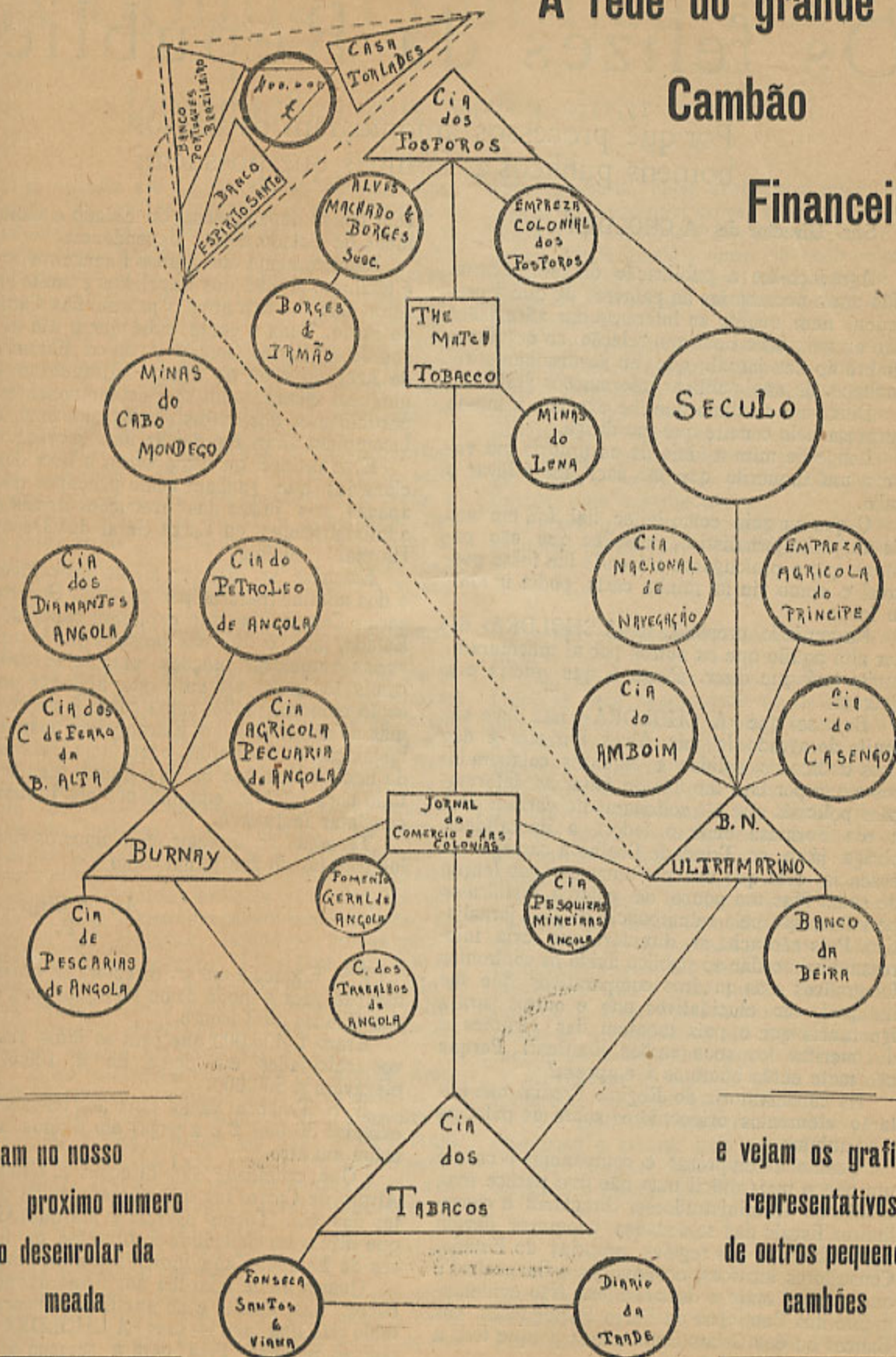
Cumpré, pois, conjurar vigilantemente todos as desvairadas ameaças de aventureiros que nos condenam tanta vez a um estado exaustivo de prevenção, que não é só da força publica, mas até de toda a mentalidade portuguesa, a cada passo suspensa pela inquietante apreensão do dia de amanhã. E' o que a nação confiadamente espera do espirito constitucional dos poderes publicos, apoiados lealmente na inquebrantavel disciplina do glorioso exercito republicano.

(Palavras do sr. dr. Bernardino Machado, Presidente da Republica, no Colegio Militar, em 3 de Março de 1926)

A rede do grande

Cambão

Financeiro



Leiam no nosso proximo numero o desenrolar da meada

e vejam os graficos representativos de outros pequenos cambões

Os felizes da Republica

Por que processos amontoaram os nossos
homens publicos as fortunas que possuem?

Snr. Director de «A CHOLDRA»

Agradeço-lhe a publicação da minha carta. Não eram necessarias as palavras de que a precedeu, nem quanto ao interesse das afirmações que eu nela fazia nem em relação ao orgulhoso timbre do seu jornal, que eu gostosamente reconheço, de não publicar informações gratuitas.

Deixe-me contudo que lhe exprima a minha surpresa pelo convite que me dirige.

Longe de mim a ideia de eu proprio me voltar a um inquerito que tão facil lhe é levar a cabo.

O que eu quis, como leitor fiel, foi, em face de um éxito jornalístico, pedir-lhe que não parasse, que o prolongasse até onde lhe fosse possível e, como viu na minha carta, podia ir muito longe.

Na verdade, propondo-se «A CHOLDRA» dizer alto aquilo que os outros por aí murmuram, muito terá que dizer. Ponto é que queira e a deixem.

Bem sei que «A CHOLDRA» não deve ser muito do agrado do juiz Alves Ferreira e dos seus dedicados, solidos e loquazes colaboradores e que por isso lhe hão de faltar as informações policiaes que tão sollicitamente correm para a rua Formosa onde o fedor, a imoralidade obriga já o sr. Trindade Coelho a carregar na essencia com que usa perfumar os seus lenços de seda. Mas um pouco de esforço justifica-se perfeitamente pela retumbancia do *furo* jornalístico. Pois não acha sr. director, que seria interessantissimo dar ao publico ávido os confrontos fotograficos e os quadros comparativos que lhe indiquei, tão elucidativos uns e outros para a ignorancia que o país mantém das virtudes e dos meritos dos seus varões illustres?! Porque não mete então hombros á empreza?

Na conservatoria do Registo Predial não faltarão elementos orientadores sobre os palacios e as quintas.

Quanto ás emprezas e companhias o caso é um pouco mais difficil mas não me parece irremediavel. Administradores, directores e conselheiros fiscaes das sociedades anonimas devem ser conhecidos nas regiões proprias do Estado. Consultores technicos, economicos e financeiros é que custará mais a descobri-los. Não evidentemente nos Caminhos de Ferro Portuguezes, nos Bancos ou dos Cabos Submarinos porque toda a gente sabe quem são.

Mas nas outras emprezas, tantas que aí ha,

com tantas dependencias do Estado e tantos homens de Estado em... dependencia.

Relativamente aos grupos financeiros, o caso é facilimo. A Rua dos Capelistas é muito linguareira. Não lhe fica atraz o passeio das Cardosas, do Porto. Toda a gente sabe quem são os amigos do sr. Carlos Gomes os do sr. Manuel Pinto de Azevedo e os do Banco Ultramarino. Como ninguem ignora quem são os componentes e os participantes dos outros grupos cuja lista, muito incompleta aliaz, lhe dei ha uma semana.

E se assim é quanto a estes, a lista dos funcionarios que ganham como principes não fica apenas nos juizes das execuções fiscaes e nos administradores da Caixa Geral dos Depositos. Ha mais e melhor.

Examine, sr. director, a lista dos commissarios e dos administradores por parte do Governo em varias Companhias que exploram concessões do Estado, faça o rol das pessoas que acumulam varias e rendosas funções, elucide-se sobre as commissões pagas em ouro que algumas pessoas estão monopolizando, saiba como é possível somar no ministerio dos Estrangeiros despezas de instalação e transportes, e terá uma ideia precisa da necessidade que ha de o Estado atentar nisso tudo para intervir, emquanto nós nos limitamos a constatar lealmente.

Termino, sr. director, com sinceros votos pelos triunfos do seu jornal como

Att.º e Obgd.º
J. P.

P.S. Esquecia-me sr. director, de pedir a sua atenção para o modo como foi liquidada a divida dos Bancos ao Tesouro.

Eram £ 400.000 que com os juros respectivos calculados em cerca de £ 100.000, se elevavam a 500.000.

E o Tesouro vasio! Pois aos bancos foram exigidas 30.000 £ e a pagar em 6 anos, se não estou em erro.

Que crueldade, sr. director! E teima o sr. Alvaro de Castro em não querer atender as contas dos srs. Torres Garcia e Marques Guedes que dizem ter defendido ferozmente os interesses do Estado. Tanta ferocidade aterra-me!

Queria ainda falar-lhe nos Fosforos, nos Tabacos, nas Pautas e no auxilio aos bancos que tanto dão que falar — mas «A CHOLDRA», tem poucas paginas Fica para a semana se a sua bondade m'o permitir.

A opinião publica actual

Divagações em volta dum sofisma

A opinião em Lisboa não se cria por intelligencia. Entre dois homens que se degladiam o publico divide-se immediatamente por paixão, e segue desordenadamente o seu eleito. Porquê? Porque sim. O sr. Brito Camacho sobe a um estrado e durante três quartos de hora, numa propalpia que seria adoravel se não fosse inconcebivel, desfia um rosario de chôchas banalidades que evidenciam a sua intellectualidade pelintra. Os jornais ou se calam, não por acharem mau mas com medo que seja bom, ou então elogiam e incensam, por calculo premeditado.

Por toda a parte onde haja facilidade de orientar a opinião publica, um lêma secreto de seita parece impôr se inflexivelmente — desorientar e mascarar. Anda tudo trocado e todos, jornalistas e politicos, se incumbiram esta missão: fazer do preto branco. A tal ponto que as ideias mais opostas são apresentadas com identico significado.

Em Portugal, hoje, vive-se apenas á custa de sofismas.

Em politica, em arte, em literatura, em finanças, em religião, seja no que fôr, ha sempre meia duzia de homens dispostos a baralharem e a confundirem propositadamente o bom e o mau. E os seus intuitos foram atingidos. Hoje entre nós ninguem se entende. A Republica é um equívoco. Os problemas sociais são cautelosamente evitados. O sr. Antonio Maria procura apenas pretextos para adiar o Parlamento, para surratemente — ganhar mais oito dias. Todas as grandes verdades estão desvirtuadas. Os bancos se tem lucros arrecadam-nos e se tem, ou fingem ter, prejuízos, deitam as culpas para o Estado. E os governos transigem para que os bancos se calem. A mentira sufoca. Isto não é um regime, é uma camara mortuaria. Os politicos parecem dizer uns aos outros: — Não façam bulha. Andem nos bicos dos pés! . . .

E no meio disto tudo o sr. Ferreira do Amaral representa a comedia sinistra da ordem.

E esta *ordem* tem adeptos. O sr. Ferreira do Amaral consegue passar por idolo! . . . Por outro lado, o sr. Cunha Leal, especie de fatal hipnotizador de *burras*, com voz em nuance patetica de epilogo de melodrama — desvaira multidões. . .

A nossa pergunta é esta:

— Mas haverá ainda alguém em Portugal que tenha o juízo no seu lugar?

Ha mezes num dos nossos teatros representou-se um drama original. A peça caiu. A certa altura, no ultimo acto, o galã, surpreendido em

scena amorosa, vê-se obrigado a fugir por uma janela, deixando uma esposa adúltera desmaiada. Entra o marido. Corre á janela de caçadeira nas unhas. Ainda avista o outro correndo pelos campos. . . Dispára. Ouvem-se vozes, fora de scena, gritando: — Atingiu-o em pleno peito! Atingiu-o em pleno peito. . .

O inverosimil deste homem que fugia, ser atingido em pleno peito, provocou por toda a plateia a gargalhada mais sonóra que tenho escutado numa plateia sarcastica. . . Pois quando a policia, ha tempos, se desculpou ao assassinar um homem com um tiro no peito, dizendo que ele fugira — da opinião publica não surgiu uma duvida, uma interrogação. . .

Parece que em Portugal para determinados assuntos se perdeu a faculdade de raciocinar.

— Mas então não ha opinião publica em Portugal?

Ha. E' a opinião branca feita pelos jornais. Criou se pela necessidade de deitar poeira nos olhos extaticos duma população, que se habituou a pensar pela cabeça da *Moagem*. E' o prestigio indigena dos jornais de grande circulação. A opinião publica entre nós faz se nos gabinetes da direcção dalguns bancos, por intermedio de duas ou três gazetas, que levam milhares de almas a orientarem-se ingenuamente pelas suas conveniencias. . .

Em Portugal ha duas vidas. Uma sincera e humana que lucha com desespero a debater-se pela verdade. A outra é apenas aparente. Cria parlamentos que são mentiras. Desenvolve um jornalismo que é uma burla. Explora uma Republica de viela. Inventa a oratoria facil de meia duzia de encantadores de multidões — e argumenta, economicamente, com sofismas! . . .

Envenenar foi facil. A nossa missão agora de esclarecer, torna-se mais difficil.

Ah! senhores, lembrem-se disto: — se não chegaram a pensar pela cabeça do Alves Reis, foi pelo simples facto dele não ter chegado a comprar o *Diario de Noticias*.

Outrora, nas horas altivas da propaganda, houve meia duzia de homens nobres e liaes que orientaram e disciplinaram a opinião publica. Para se dar a um povo a noção exacta das suas

responsabilidades nada mais necessario do que colocar bem em evidencia todo o aspecto da vida nacional. Mostrar-lhe as suas proprias chagas! . . . Foi o que fizeram os primeiros homens da Republica. Hoje só temos um caminho—voltar outra vez ao principio! Até 1910, desenvolveu-se uma imprensa esclarecedora que não argumentava com habilidades, mas falsos em nome de ideias que são sagradas—o direito e a justiça. Penas iluminadas conseguiram o milagre de levantar um povo. Havia de tudo. Desde os grandes jornais á imprensa clandestina . . .

Hoje clandestinamente, em mãos republicanas, só se encontram as fotografias obscenas—espolio picante herdado pela policia—e que no governo civil se distribuíram voluptuosamente pelas mãos desejosas de correligionarios amigos . . .

*

A opinião publica em Portugal é uma burla. E' essa burla que nós temos de aniquilar. No tempo da monarchia lutavamos contra um regime decrepito. Hoje temos que lutar contra homens que se abrigam debaixo da nossa propria bandeira . . . E' pior. Temos que nos haver com o leão vestido com a pele do cordeiro.

Desvirtuaram tudo. Ideias e sentimentos. Sob os mais habilidosos pretextos ludibriaram com apparencias falsas—todo um povo. Num país onde todas as velhas instituições apodreçam, inventou-se a necessidade duma força conservadora! . . . E sobre tudo isto, como *fétiche*, uma palavra—a ordem . . .

*

Nós não fazemos frases. Lançamos apenas fogo a um rastilho. Eles leem-nos e julgam que nos podem desprezar. A verdade tem para estes homens o aspecto quisilento duma afronta. Os que falam alto são dados como inimigos. Raul Proença, o maior jornalista de ideias e pensamento da Republica, é tido como indesejavel! . . .

*

Nos cafés e nos clubes, como na politica, surge inflexivelmente o mesmo tema:—é necessario não levantar atritos. Por toda a parte o mesmo receio de afirmações claras. Todos têm medo de tratar as coisas pelos seus verdadeiros nomes . . . Insiste-se acima de tudo, em criar sobre alicerces imoralissimos, uma apparencia reles de vida exemplar. Não ha escolas, não ha educação, não ha um esboço de cultura, mas ha uma policia de costumes que se contenta em multar as varinas, em grossas quantias, por serem demasiado grosseiras em seu dialecto. E' a repressão pelo efeito . . .

*

Sobre a mentira está formada hoje a opinião publica em Portugal. Por quanto tempo ainda ?

Não o sabemos. Ha quem nos leia e sorria, quem se iluda julgando que nós representamos apenas um papel de opposição. Puro engano. Nós não somos opposição, *somos a rialidade*.

A rialidade, na opinião publica, acaba sempre, mais tarde ou mais cedo, por triunfar . . .

E para o conseguirmos não nos falta nem persistencia, nem fé.

C. de G.

Um misterio

«Serviço da Republica—Provincia de Moçambique—Corpora da Policia Civil de Lourenço Marques—2.ª Secção N.º 91A126—Lourenço Marques, 8 de Janeiro de 1926—Ao Exm.º. Senhor director dos Serviços de Administração Politica e Civil—Lourenço Marques—Referencia á nota N.º 213, Fxp 1171 A de 2 do corrente.—Respondendo á nota que alude a referencia, informo V. Ex.ª que não estando o subdito alemão de nome JOSLUCK abrangido por nenhuma das alíneas A), B), C) e D), do n.º 1 do decreto n.º 313, de 4 de Dezembro de 1922, não ha inconveniente em que ao mesmo seja visado o passaporte para Moçambique, desde que satisfaca as condições do artigo 6.º do mesmo Regulamento.—Porem, como se trata de um subdito alemão, entendo dever apresentar a V. Ex.ª alguns factos que são do meu conhecimento, e que no actual momento não deixarão de ser oportunos.—Em Lisboa formou-se uma Companhia constituída pelos seguintes cidadãos: Jose Francisco da Silva, Julio Jardim de Vilhena, João Alexandre Lopes Galvão, Domingos Pepulim e Pedro de Gusmão.

Estes cavalheiros requereram isoladamente grandes tractos de terreno em Angoche, confrontando-se uns com os outros, pedidos que não foram feitos simultaneamente, mas que, todavia, obedeciam a um fim unico: serem vendidos a uma «Companhia Alemã» que os explorasse, o que de facto já em parte está succedendo. Os portugueses concessionarios figuram, é certo, como socios, mas os capitais em circulação são alemães, como de resto o são tambem os directores tecnicos, gerentes e exploradores em Angoche. Ainda não ha muitos meses chegou ao meu conhecimento que os alemães que se dedicam ás explorações no distrito de Moçambes se consideram como em terreno conquistado, e talvez não fosse descabida uma certa vigilancia, visto a colonia alemã procurar de preferencia o referido distrito. Parece-me que não andariamos mal avisados se, por qualquer forma, se pudesse entrar que tais terrenos vão, metódica e gradualmente, caindo nas mãos dos estrangeiros, ficando a nossa soberania apenas reduzida ao pau de bandeira e residencia da autoridade. O presente caso é do meu conhecimento por ter sido representante nesta cidade dos cidadãos acima referidos, o então major de cavalaria, Pedro da Camara, cuja procuração me substabeleceu e que voluntariamente deixei, passando-a ás mãos do sr. dr. Joaquim Saldanha que, segundo me consta, ainda representa os mesmos senhores e a Companhia, nesta cidade.

A meu vêr temos em frente um assunto de grande transcendencia, que me apresso a comunicar para que o mesmo seja por V. Ex.ª. submetido á apreciação de quem de direito, para os devidos efeitos. Saude e Fraternidade—O Comissario da Policia.

(a) HENRIQUE DE SOUSA

Este official foi, ha poucos dias, assassinado misteriosamente em Lourenço Marques.

Quem o matou?

Quem o mandou matar?

UM DILUVIO DE DINHEIRO

Recordam-se as chinezas dos bichos.—A cegueira dos lisboetas.—O milagre da multiplicação das notas.—Castelos no ar.—Recuperar o irrecuperavel!

—A espartêza do Alfacinha, a palermice do provinciano e os que desembarcam no Terreiro do Paço

De tempos a tempos é a população de Lisboa assolada por uma praga qualquer. Hontem foram as *chinezas dos bichos*. Hoje são as *senhas recuperaveis*. Que a cura das doenças dos olhos pelo processo dos pausinhos era uma autentica burla, confirma-o a cegueira do lisboeta que não vê o logro que representa o tal sistema de obter capital rapido sem trabalhos nem canseiras.

O lisboeta anda positivamente preocupado, obcecado com as tais senhas milagrosas que convertem dez insignificantes *palhaços* em dez *quitos* autenticos, aferidos pelo Banco de Portugal.

Como é o milagre operado, ele não cura de saber. E' um novo Angola e Metropole? Chegou uma nova encomenda da Waterloo & Sons? O dinheiro, uma vez entregue aos benemeritos e honrados comerciantes que multiplicam as notas, muda de sexo, torna-se fomea? Quere lá saber disso o esperto alfacinha!

Leu no jornal; lá vinha no *Diario de Noticias*. E o que o jornal diz, é um dogma. E, educado, como foi, na sacristia, como bom catolico que se preza de ser, não discute o dogma e cré no milagre. Demais, o negocio é reclamado nos jornais, e se fosse uma vigarice, as autoridades não o consentiriam.

E assim raciocinando, o esperto alfacinha apressa-se a ir comprar a senha que realiza o seu ideal supremo: ganhar dinheiro sem trabalhar!

Nos lares, as mulheres não falam noutra coisa. É o assunto das conversações com as visitas com as amigas e com as visinhas. Nos ministerios, os funcionarios, nas seis horas vagas de que dispõem, não falam noutra assunto.

—V^a. Ex^a. dá me licença que saia por um instante? Queria ir vér se a minha senha...

—Vá, vá—acode pronto o chefe da repartição—E já agora, faz-me o favor de vér tambem se o meu numero ainda está muito atrasado.

Nas officinas tambem se não fala noutra coisa. O recuperar o dinheiro irrecuperavel absorve o pensamento dos operarios. Ha por isso que desculpar se *A Choldra* apparecer neste numero mais gralhado, ainda do que o costume. Todos os enganos e imperfeições no trabalho são agora justificaveis.

Só uma classe se não engana no pezo e na medida, pezando e medindo certo:—a dos caixeiros. Mas a razão é simples. O roubo na medição e na pezagem é já neles uma função puramente maquinal.

Não ha rua, praça, beco ou travessa em que não esteja armada uma dessas ratoeiras americanas em que, por processos os mais serios e honestos, cinco escudos se transformam em cinco contos. No domingo de Pascoa, o *Diario de Noticias* anunciava onze, só em Lisboa. Esses escriptorios transbordam de manhã até á noite de pessoas de todas as classes, posição, categoria e graus de instrução. Ombreiam-se os analfabetos com os letrados, a sopeira com a professora diplomada, os ateus que troçam do milagre da multiplicação dos pães, com os catolicos para quem a ambição e a avareza são pecados capitais; o revolucionario que berra contra os que vivem sem trabalhar, e o conservador que nos canta que «o trabalho é honra, é virtude, é prazer.»

A mesma ansiedade se lê em todas as fisionomias. Uma inteira solidariedade de pensamento e de ambição a todos une.

O operario que acusa o patrão de querer viver sem produzir e o patrão que acusa o operario de querer ganhar sem trabalhar, reconhecem ali que, afinal, o ideal deles é o mesmo não havendo, portanto, razões para disputas entre eles.

Para com todos, o empregado do *guichet* tem palavras de esperança, mais ainda—de certeza. E' questão de esperar uns dias mais. E eles lá saem, esperançados, crentes, convencidos de que daqui a uns dias recuperam o dinheiro que deram multiplicado mil vezes. E sonham:—num fato novo, no desempenhar *tudo* para ficarem livres dos juroes ao penhorista, — os mais modestos; num verão passado nas praias ou numa viagem a Paris, os que estão habilitados aos prémios de cinco e dez contos. E fazendo os seus castelos no ar, caminham pensativos, preocupados, interrompendo a admiravel construção aerea só para se rirem do provinciano parvajóla que no Rocio olha embasbacado para a estatua de D. Pedro.

E, no dia seguinte, ao abrir de manhã o jornal, depois de anotar o novo *sistem* de apanhar dinheiro aos papalvos, o lisboeta finorio comenta gozoso as noticias dos *contos de vigario* rindo da ingenuidade dos laponios que se deixam ir tão facilmente no *embrulho*, e conclui ser bem certo que todos os dias desembarca um no Terreiro do Paço, sem se aperceber—tal é a vaidade do alfacinha—que, afinal, não é preciso que desembarquem do comboio, pois que os ha em abundancia cá dentro, em Lisboa.

Nada menos de uns oitocentos mil—segundo o ultimo censo da população.

A CRISE ECONOMICA

Um problema que a Republica foi chamada a resolver e o não resolveu ainda

Nunca como agora a miseria pública foi maior. O numero de desempregados é de arrepiar e se o interesse publico pudesse apaixonar um homem como o sr. Antonio Maria da Silva, era caso para não poder dormir com tranquillidade. Tambem só em Portugal um homem pode governar em paz porque em país algum do mundo a multidão dos miseráveis seria tão apática e resignada como entre nós. Tem a Inglaterra mais de um milhão e meio de desempregados mas o certo é que todos esses homens a quem uma crise economica persistente colocou forçadamente na inactividade, são subsidiados pelo poder central e pelas municipalidades sem o que a ordem pública muito teria a sofrer. Em Portugal succede cousa muito diversa. O operariado não soube ainda conquistar os seus direitos. Sômos na Europa Occidental, o unico país que não estabeleceu ainda o subsidio aos desempregados como se estes culpados fossem das crises economicas, quasi sempre originadas na imprevidencia administrativa.

A Republica, ao triunfar em 1910, encontrou-se a braços com um problema economico por resolver: a terra, uma boa parte — distritos de Evora, Beja, Portalegre, Castelo Branco, Santarem, Lisboa, — entregue ao sistema irracional do pousio e da charneca, impondo o disparate de um país agricola a importar quantidades consideráveis de cereais, batata, arroz, etc.; uma reduzida rede ferro-viária, 3.000 quilometros de vias para 89.000 quilometros quadrados, quando a Belgica, por exemplo, com 29.000 quilometros quadrados de superficie, tem 8.000 quilometros de linhas férreas; uma rede de estradas, com 13.500 quilometros que está bem longe de corresponder ás necessidades do trafego de mercadorias, dando em consequencia o não aproveitamento dos milhares de hectares de terras que poderiam ser produtivas, estradas que hoje não oferecem na sua maior parte logar a trãnsito tornando o frete tão oneroso que a ela se deve, em parte, um maior custo da produção nacional; uma riqueza enorme em energia hidraulica e em carvões secundários, linhites e antracites, convertivel em força motriz barata para a industria e os transportes acelerados; um vasto empório colonial que reclamava iniciativas e capitais abundantes para se con-

verter num amplo mercado de manufacturas e abastecedor de matérias primas; enfim, a Republica encontrou um operariado laborioso e com raras aptidões de assimilação, percebendo os mais baixos salários na Europa de áquem Alpes e uma massa de camponezes que constituia mais de metade da população metropolitana que era quem fornecia a maior parte dos produtos agricolas, - 80 por cento da produção agricola provém do pequeno proprietario e do rendeiro, portanto, da pequena e média exploração — esmagada sob o peso de rendas excessivas que lhes acarreta uma vida de penurias inenarráveis e que dá aos proprietarios absentistas a comodidade levada ao superfluo e ao desperdicio, sem o dispendio de cuidados e energias.

A Republica tinha a resolver um problema economico, sobretudo. Sem prosperidade economica não ha nem democracia nem paz social. Mas não se quis ver isto e ainda hoje os homens que, como o sr. Antonio Maria da Silva, assumem nesta hora as responsabilidades de governar, teimam em não querer vê-lo. E, no entanto, era e continua sendo a resolução do problema economico a justificação jurídica da Republica.

Já lá vão quinze anos!

Economicamente não progredimos, retrogradamos. Exportávamos 1.400.000 toneladas de mercadorias, hoje exportamos sómente 900.000. O Brasil que era um dos nossos melhores mercados, importa hoje 30 por cento apenas das mercadorias portuguezas que importava em 1914. E' a Espanha que ali nos vai substituindo como país abastecedor de vinhos e azeites.

A miséria cria o descontentamento. O operariado, que constitue a grande força das cidades, o pequeno e médio camponês que constituem a maioria da população nacional, descreem das virtudes da Republica. Melhoraram eles de situação? Que o digam os milhares de desempregados a braços com a fome, que respondam as centenas de milhar dos pequenos produtores agricolas, esmagados ao peso das rendas, á gula insaciavel dos prestamistas, e ludibriados por caciques que lhes arrancam votos sem lhes concertarem as estradas por onde possam transitar com os seus produtos, enquanto ao sul, terrenos extensos permane-

LISBOA TRAGICA

Os crimes que ficam por descobrir

O do capitão Vaquinhas; o do Chinês; e «muchos más». — E o de Maria Alves?

Pe soalmente não tenho pela policia em geral e pela portuguesa em especial nem sentimentos de fobia, nem de admiração. Jornalisticamente devo favores informativos a alguns dos seus chefes e bastantes desconsiderações, ameaças e até violencias aos seus subordinados. Alem disso sou dos que pensam que é preferivel soltar um criminoso do que condenar um inocente; que o pior crime não é o do criminoso mas sim o da policia, quando a policia o comete. E quantas vezes, assistindo a violencias policiaes, digo para comigo:

—Quando um criminoso me atacar, gritarei *ó da guarda* e a policia defender-me-ha contra o criminoso. Mas se é a policia que me ataca por quem hei-de eu chamar?

E exposta assim a minha situação ante a policia — vamos á essencia do artigo. Está ella á altura das necessidades de segurança que a vida moderna dos cidadãos portugueses exige?

Não está!

A criminologia em Portugal tem a pacatez semelhante do meio. Os crimes em Portugal podem ficar classificados em quatro ou cinco generos. Os criminosos são sempre os mesmos. E a unica excepção a apontar, os crimes de não criminosos—crimes de ciúmes ou crimes de acaso—estes não encontram resolução entre os nossos detectives.

Houve, durante anos, uma Legião Vermelha. E o que conseguiu a nossa policia? Descobriu a verdade? Talvez. Porque sistema? Pelo sistema do «arranca dentes». Ora uma policia que só trabalha «arrancando dentes»—como se diz na gíria do Governo Civil—não é uma policia: é uma policlínica de dentistas.

Em dezasseis anos de Republica, a nossa policia não se modernizou nem um minuto. O sabre dos guardas será melhor temperado; a esgrima das coronhadas tornou-se mais scientifica;—mas intellectualmente, professionalmente, estamos pior do que no tempo de Pina Manique, porque ao menos, nesse tempo, havia Pina Manique.

A policia portuguesa descobre crimes? Descobre. Vigaristas; fadistas; anavahadores das vielas; os criminosos que matam por um cordão ou por duas notas de cinquenta escudos—a plebe das congostas; os facinoras analabetos, desprotegidos e sem partido politico. . . Os outros crimes ficarão para sempre vestido-se de poeira, picando-se de traça, nos arquivos a desabar de tanta papelada vergonhosamente inutil.

Um dia appareceu morto, deitado no proprio leito, o capitão Vaquinhas. A openião publica sobressaltou-se. A

imprensa berrou—e desse crime ficou apenas uma mancha de sangue e trez calices manchados pelas dedadas dos criminosos.

Quem eram elles? Não se soube. Nunca se saberá. E do crime do capitão Vaquinhas até ao de Maria Alves—quantos mysterios a intrigar e a pesar sobre a consciencia nacional? Quantos? . . . E só para me referir aos mais proximos, indicarei o do Chinês do Franco-Hotel; o do homem que appareceu cozido de navalhadas e cortado pelas rodas dum comboio—e o de Maria Alves. E o de Maria Alves não pode ficar a diluir-se aos poucos—porque sobre este, graves, muitos graves suspeitas paira. E ante essas suspeitas a policia não pode, não deve ficar de braços cruzados, benevola, inerte e alegre ante o proprio fracasso.

Nesse periodo dois crimes houve que foram revelados: o do cabo Moreno e o do Maria Guerreiro. O primeiro, foi um guarda fiscal quem deu com ele. O segundo logo no primeiro dia, todos os jornaesistas espetaram o index sobre a criminosa.

Dirão que lá fóra muitos criminosos conseguem esgueirar-se por entre as garras da policia, como enguias pelas malhas largas duma rede. E' falso!

Leiam as estatisticas. Querem a da prefeitura da policia de Paris do ano 1924? Tenho-a aqui, sobre a mesa em que escrevo. Paris foi salpicado de sangue, durante esse ano por mil e oitocentos crimes, sendo mais de quinhentos de grande responsabilidade para a policia. Sabem quantos ficaram para sempre, nas trevas do inigma? Dóze.

E a policia espanhola que descobriu em três dias os criminosos do expresso de Sevilha? E em duas semanas os incendiarios do convento de Santa Cruz? E em duas horas os assaltantes do Banco de Tarrasa? E em quinze dias os assassinos do Bispo de Oviedo?

No caso de Maria Alves houve, desde primeira hora uma ingenuidade que não sei a que attribuir. Casas por selar; suspeitosos—digo suspeitosos, não digo criminosos—á solta, entrando e saindo livremente, *prohibição de entrada na morgue aos jornaesistas*; pistas ridiculas; prisões d'homens arranhados; confusão, labirinto—e a ver-se ao longe, a boca dos cacifos dos arquivos a abrirem-se já para engulir o processo sob a etiqueta de: *Não se conseguiu apurar!*

E podemos ficar assim, de braços cruzados, ante o

cem entregues ao pousio e á charneca mal dando lugar aos seus 20 habitantes por quilometro quadrado.

Era a politica destas classes, que constituiria o seu mais solido apoio, que a Republica tinha a fazer, já estimulando a exploração das riquezas jacentes inaproveitadas, já forçando á divisão do solo em cultura extensiva, melhorando a sorte de uns e outros, os operarios e os camponeses, e multiplicando assim automaticamente a matéria tributária.

Assim, o Estado republicano assemelha-se

ao proprietario absentista. Este não beneficia a terra, confia êsse cuidado ao rendeiro, mas recolhe sempre de cada beneficio novo, para o qual não contribuiu. O Estado não estimula nem facilita a actividade nacional, limita-se a agravar os impostos sem ver que vai estancando as fontes de produção.

O resultado é o que se está venno: um operariado estoirando de fome porque não encontra trabalho; uma massa enorme de camponeses que vegeta esmagada pelo excesso da renda.

cadaver duma mulher, a apodrecer na cova—e um masso de papel, gatafunchado, com ou sem gramática mas inutil, vergonhosamente inutil ?

No caso de Maria Alves, não é só a inhabilidade da policia que está em foco. E' a sua inercia. E' a... Mas vamos por partes.

Que plano gizou a policia? Nenhum. Os agentes encarregados da investigação quasi que não saem dos seus esconços. Porquê? Ah! Eis a grande revelação. Um dos *sherlocks* entrevistados pela *Tarde* choraminga:

— Como querem os senhores que a gente trábalhe — se mal ganha para comer ?

Ignoro o valor dos ordenados dos nossos policiaes de investigação; o que eu sei, porque vejo, é que quasi todos eles tem nos dedos constelações de joias; que se pavoneiam, em autos, acompanhados de madamas caras, que ceiam «caro» nos clubes e nos cafés, que alguns tem sociedade em leitarias, confeitarias, que, uma vez, após um assalto a uma casa de jogo, um dos assaltantes jogava forte, na sala do jogo. . .

Portanto, aos policiaes que se lamentam só resta uma resolução: demitrem-se. Porque não se demitem, sendo tal mal remunerados?

Mas ha mais: ha o jogo político, dentro do Governo Civil; maçonaria de partidos.

E é contra ela, inadmissivel, que eu me revolto.

O sr. Augusto Gomes pode estar inocente. Não o conheço pessoalmente. Não me deve nem eu lhe devo favores indirectos. Tenho até, por todos os criminosos um profundo sentimento de piedade e se ele o fosse, não abrigaria excepção. Mas a protecção que a policia lhe presta desde a primeira hora, a obediencia senil dessa policia ás ordens de «outro alguém», de influencia — merece a minha indignação e a indignação de todos. Contra ele? Não; contra a policia.

O sr. Augusto Gomes tem uma má estrela com ele, coitado.

O sr. Augusto Gomes tem um genio picado das bexigas, é forte, espadado e alto; pulsos larguissimos — e, pelo que me contam, eu, ao lado d'ele, com o meu metro e cincoenta, quasi raquitico, pareço um pigmeu. E este genio e essa corpulencia tem lhe dado serios desgostos.

A liberdade do sr. Augusto Gomes data de sempre. A liberdade do sr. Augusto Gomes data quando não havia ainda outras testemunhas de defeza do que os que o tinham visto sair do Maria Vitoria acompanhado da amante.

Na casa da vítima entrou e safu quantas vezes lhe apeteceu. Depois provou-se que ele a ameaçava, provou-se que ela o ameaçava a ele com «revelar um segredo», e que esta ameaça bastava para o acalmar; provou-se, por meio de carta que os jornais não puderam publicar se não em parte, que ele cubicava alguém—cubica que logicamente, humanamente, enlouquecia de desespero Maria Alves.

Pobre Augusto Gomes—se ele está inocente. Porque se o está, a policia, com a sua amabilidade e a sua protecção, compromete-o. Mas de todos quem fica definitiva-comprometido, é ela a policia.

Reporter X

EM NOSSA CASA

Deu-nos a honra e o praser da sua visita que foi acompanhada de amaveis palavras de incitamento o sr. dr. Anacleto Nogueira notario e advogado em Mafra e que ali tem marcado destacante lugar, não só dentro da sua profissão, como na politica da esquerda republicana.

Comprimntamo-lo.

Um professor que bate nos alunos

Apelando para o «inviolavel direito de defeza» pedem-nos o professor sr. Joaquim Eugenio Alves, a quem aqui accusamos de bater desalmadamente nos seus alunos, a publicação de uma carta que nos envia a proposito dessa accusação. Não publicamos essa carta porque nela não prova nem podia provar que a nossa accusação seja falsa. Fala da sua competencia profissional que nós não discutimos, e do seu republicanismo que para o caso não foi chamado.

A' noticia que escrevemos nada temos a alterar. Teriamos, sim, muita coisa a acrescentar ainda, o que não fazemos porque, não nos movendo a intenção de fazer mal ao sr. Alves, mas sim a de defender as crianças, esperamos que o referido professor modifique a sua attitude.

E prometemos-lhe a publicação do retrato se tal fizer.

Está prometido.

Desrespeito á lei

Os Antonios Marias entregaram a Republica positivamente aos monarchicos. São eles que governam e administram o país, mascarados uns de republicanos, outros mesmo sem se darem ao trabalho de se mascararem. É deles o exercito, é deles o parlamento, são deles as repartições publicas etc. etc. Dos republicanos são apenas as cadeias. Na provincia são eles que governam e descrecionariamente.

Concelhos ha, como o de Portel, por exemplo, em que a situação é pior que no tempo da monarchia. Os cargos de confiança estão nas mãos dos monarchicos que os aceitam para fazerem o que muito bem lhes aprez. Graças a essa sua preponderancia no concelho citado para exemplo, a professora oficial da freguesia de Amieira, a sr.^a Tereza de Jesus Rabaço, segundo informação que nos é fornecida, ministra ensino religioso aos alunos obrigando-os a decorar orações e a rezar, ajoelhados, dentro da propria aula.

A ser verdadeira a informação, o procedimento desta professora official constitue um desaforo que não pode deixar de ser punido. O ensino religioso é contra a lei, e uma funcionaria do Estado é obrigada a respeitar a lei.

Ao sr. ministro da Instrução cumpre averiguar se é falsa ou verdadeira a accusação que se faz á sr.^a Rabaço, e proceder em consequencia.

N ó s

Porque santas almas de indiscutivel boa fé andam por aí entretidas a tecer fantasias ingénuas sobre a orientação d'*A Choldra*, daqui afirmamos alto e claro que, de tudo o que, não assinado, aqui se escreve, assume inteira responsabilidade quem, como seu redactor principal, figura e que é, na verdade, o *único* director e orientadôr d'este semanário.

A Choldra, fazendo a politica das esquerdas republicanas — fique isto bem claro! — não está fillada em qualquer partido ou grupo da Republica, nem d'elles recebe qualquer auxillio!

Calem-se, pois, os tolos e os maus!

POR BEM...

DA VIDA MENTAL

O «Salon» das Belas Artes que não nos envergonha a cara.

O Salon das Belas Artes, que em plena *season* artística abriu as suas portas, já não é aquela cripta funebre em que o «guarda do sepulcro» velava taciturnamente as armas. Entrou este ano lá uma rajada de ar fresco, que dissipou os miasmas.

Não diremos que é efectivamente traduz o actual momento da arte nacional. Os padres-mestres abstiveram-se ainda de concorrer ao certame. Ficaram-se na sua Torre de Marfim, sabe-se lá se contemplando beatificamente o próprio umbigo. Figuraram, porém, na exposição, alguns novos de merecimento, que breve hão de substituir os *bonzos* da arte, e certos pintores experimentados como o extraordinário Malhóa, para quem a idade é um simples pormenor histórico, sem repercussão interior.

Excepção feita dos trabalhos que Malhóa expõe, os quais se distanciam e muito de todos os outros, não há no certame coisas tão inferiores que repugnem. O «mamarrácho» o autentico, insípido como tema e «lambido» como realização, desapareceu. A tamis por onde o juri peneirou o mérito das obras poderia ser de mais apertadas malhas. Há no certame trabalhos que se tivessem ficado nos *ateliers* dos seus autores, voltados para a parede, nada perderia com isso a arte. Compreendemos, porém, a consideração havida por nomes que tiveram a sua aura, e que seria desumano relegar para o limbo. Não sejamos inclementes. Limitemo-nos a passar ante elles, sem tirar o nosso chapéu, mas também sem sorrir, mofando.

A exposição, que abunda em pintura, é reduzida em escultura. Os nossos escultores, pela insuficiência do meio, não abordam os grandes temas e em regra limitam a sua actividade á estatua decorativa ou ao mausoleu para brasileiro. Daí o amaneirado em que quasi todos caem, amaneirado que se revela na maioria das obras expostas.

Dos architectos nem vale a pena falar. Andam todos entretidos a fazer gaiolas nas Avenidas Novas e não se dignam mostrar as suas habilidades. O que alguns mandaram á exposição nem sequer merece referencia.

Os pintores ésses sim, que em quantidade e qualidade se evidenciaram por forma muito sensível.

A frente de todos, já o assinalámos, encontra-se Malhóa, com oito trabalhos de óleo e pastel notáveis. Vem depois a multidão dos outros artistas quasi todos ao mesmo nível, sem grandes vãos, mas sem disparates de marca. Anotemos os nomes de alguns: Ortigão Burney, com um esplendido retrato, Fernando dos Santos com um nu excelente, Leitão de Barros, com algumas belas aguarelas, Alfredo Moraes, também com alguns trabalhos de aguarela de merecimento, Jorge Barradas, com certa maneira modernista ousada, Servando Benedy, com um aspecto de Lisboa digno de menção.

Os outros todos, como se diz no desempenho das peças teatraes, sem desmanchar muito o conjunto.

Uma exposição de cerâmica e a ignorancia dum critico

A cerâmica teve, entre nós, quem a cultivasse com

gosto. Bons tempos! Hoje ha para aí uns ceramistas, que, coitados, fazem o que podem, imitando grosseiramente os antigos modelos. Pegam nos cacos de grosseira «pasta», põem-lhes a cruz das caravelas ou o escudo de D. João V e pronto... os novos-ricos compram aquilo como canela.

Este comentario applica-se a uma exposição de cerâmica decorativa que ora se vê no Museu do Carmo. Os trabalhos expostos são curiosos, mas mesmo como *pastiches* são inferiores. E nem mereceria a referencia destas linhas, se a critica official não os tivesse erguido nos cornos da lua. A critica official, feita por criticos encartados, como ela é pitoresca ás vezes!

A propósito dessa exposição de cerâmicas, dizia um critico entusiasmado, — e muito a sério, — que nela figuravam «azulejos, amarelejos», etc. O cavalheiro supõe decerto que os azulejos se chamam assim por serem, em regra, azuis e que quando são amarelos, verdes, etc., se devem chamar «amarelejos», «verdelejos», etc.... Esta não lembrava ao diabo! Ou antes, lembrou aos detractores do Marechal Hermes da Fonseca, que na anedocta bem conhecida, attribuam ao então Presidente do Brasil, a reprimenda dada a um empreiteiro, que revestira certa parede de «amarelejos», quando é Presidente, a queria revestida de azulejos...

Pois apesar da anedocta ter cabelos brancos, ainda ha criticos nos diários de Lisboa, que chamam «amarelejos» aos azulejos de cor amarela. Que estapafúrdio termo encontrarão elles para chamar aos azulejos politrómados?...

c

Maus versos e boa prosa, e um pouco de mercantilismo caro aos cabotinos.

A Sr.^a D. Oliva Guerra, uma senhora que por ser da musica, escreve as suas cartas de amor, rimadas, publicou um livro de maus versos a que chamou «Encantamento».

O titulo também é mau, vamos; a critica official, porém, disse bem de tudo: do titulo, dos versos e da autora. Contra quem temos de protestar é evidentemente contra a critica, que alimenta as veleidades poeticas de quem não tem habilidade nenhuma para versejar.

O ajuste de contas com os que tem mania poetica não o faremos agora, que é coisa que demanda muito espaço. Anotemos só, para efeitos estatísticos, que foi publicado mais um livro de versos, escrito por uma senhora. Não perdem com a demora.

Em compensação, porque nem tudo são dissabores neste mundo, o sr. Luis da Camara Reis publicou num elegante folheto a sua conferencia «Cidades antigas, terras mortas», modelo de prosa elegante e vibratil, que Tagarro illustrou primorosamente.

Para apanhar dinheiro aos cabotinos e aos maniacos do livro, os editores dêsse folheto fizeram uma edição especial limitada a cem exemplares, resolvendo tornar publicos os nomes dos que se inscreverem para ela. Nem que essa tiragem fosse de um milhão de exemplares, esgotar-se-ia prontamente. Ha menino que daria anos de vida só para ver o nome em letra gorda...

Desta, da tiragem especial é que não se lembrou a Sr.^a D. Oliva Guerra, felizmente!

A Santa Igreja de Roma

A Igreja, a omnipotente, a gloriosa Igreja da meia idade,—o que é hoje? Uma velha de olhar álgido, extranhamente imóvel, obstinadamente fixo, num passado que não volta, que não pode voltar, haurindo um simulacro apenas de existência nas evocações alucinantes da memória. Não os impressione o seu aspecto de imponente magestade; não nos induzam em erro, tão pouco, as suas veleidades de intervir com asperesa, ou com benevolente sorriso, no tumulto das questões que nos agitam. Nem o auctoritarismo rabujento, nem a sedução galante quadram bem ao seu porte de grande figura hierática. A Igreja decrépita não cabe senão uma atitude, senão a réplica cominatória—*non possumus*—do forte e rude soldado de Garibaldi, Pio IX. Ha bons quatro séculos que lhe chegou experiência, e a experiência mata ilusão, e, por conseguinte, a energia para lutar. Anquilosaram-na a disciplina e o dogma; e se não quer, nem talvez possa, arrancar dos membros a anquiloze,—como ha de ela caminhar?

*

—«Filhos meus — eis o que a Igreja deveria proclamar aos ventos e tempestades do século—, ide andae para diante, não esperéis que vos acompanhe. Estou velha, parálitica, exausta; e vós, repletos de seiva, agéis e moços. Foi uma *forma*, mas uma forma só da Vida; e vós sois a Vida mesma, os eternamente jovens, os eternamente cambiantes, porque sois a Natureza na sua ondulação vaga, inexgotavelmente poderosa e fecunda. Deixai-me pois, abandonai-me; e marchai sem mim. Ou melhor, retalhai-me, exterminai-me primeiro, e segui depois; porque a Vida alimenta-se do cadaver, mas não o consente a seu lado. Como vós, também vivi e aceitei do viver os seus deveres indeclináveis e terribes; também retalhei e exterminei, pelo gládio e pela fogueira, quanto se opoz á minha fúria indomável de expansão, á minha sêde inextinguível de vencer, de possuir, de avassalar. E reparai que não chorei, que bebendo todo esse sangue espalhado a torrentes pelo mundo, não senti piedade nem remorso; não implorei dos ceus perdão, recusei até, ao contrário do guerreiro antigo, honrar as victimas prostradas, entoando-lhes em cima um canto doce de reconciliação e esquecimento. Antes, celebrel as hecatombes com hinos de alegria triumphal, enchi os ares de implacáveis maldições, envoltas em nuvens de incenso, contra quem ousasse derramar por elas um lágrima furtiva. Teria mesmo se pudesse, riscado os seus nomes da lembrança dos homens, como excluí os seus corpos de sepultura em terra santa. Derrubar idolos vãos, impôr silencio a heréticos perigosos, dar aos homens, com uma fé e uma regra, a convergência e a unidade de que sentiram, em todos os tempos, a ancia dolorosa e profunda—era a minha missão, e cumpria-a A Vida exuberante, a Vida infinita, a Vida proteica excedeu-me as previsões, frustrou-me os cálculos, escapou-se-me, alada pelos dedos de ferro, mais duros do que as tenazes dos veneráveis inquisidores. Pois bem! Ide vós—repito—andai, retalhai-me e exterminai-me; queimai-me até se quizerdes. Nada fareis que eu não fizesse ao que foi antes de mim, ou se revoltou contra mim. Parti o dogma, dissolvi a disciplina, derrubai os altares, calcai aos pés as imagens; e sobretudo, e sobretudo—oh! gentes ferozes, mas simples! que não vos esqueçam as abóbodas monumentais desta Basilica, d'onde o meu espectro pode sair mais tarde a perturbar-vos. Lembrai-vos de que eu vivi porque o Templo morreu. Lembrai-vos de que senão fosse o tição arremessado ás naves solenes por um hoplita obscuro das legiões de Tito, eu seria uma outra Sulamita, vagueando inconsol-

avel, á procura do esposo, por entre os palmares da Galileia, e não veria o mundo ajoelhado a meus pés, transido de pavor e admiração, fascinado e abjecto sem duvida, mas feliz, intensa e prodigiosamente feliz. Fui grande porque fui inexoravel,— não o sabeis?

Tende, pois, cuidado, que vos não entorneça ou intimide o meu aspecto venerando e severo. Agora, só morrendo vos posso ainda prestar algum serviço. Destes membros lacerados e esparsos sairão porventura, para vós e vossos filhos, muitos germens preciosos de vida, como das efflorescências luxuriantes do paganismo, que desbastei e absorvi, derivaram, para mim, elementos inestimaveis de graça, de vigor e de beleza.»

*

Mas estas palavras sinceras nunca a Igreja as soltara dos lábios frios, porque nenhuma instituição, por mais alquebrada e caduca, pôde jámais conhecer o seu estado e a sua hora; e se conheceu, admitil-os. Não se resignará, por isso, a desistencia d'um papel que toda a superior cultura humana considera hoje terminado, e que, todavia, ella teima em protraír. O que resultará desta opposição irreductivel de temperamento e de ambições não é muito difficil de prevêr. Na lucta sem treguas entre o mar e o rochedo, o rochedo é que sempre foi vencido. Não consta que a inércia dormente consiga prevalecer contra uma enorme força viva, oscilando num vai-vem infatigavel. Depois de tantos casos que a Historia registra, depois das observações repetidas que a Sciencia recolheu, é singular a cegueira das instituições condenadas a extinguir-se!

A Igreja restava ainda um meio, um único meio, de evitar uma ruina violenta e estrondosa; e era, não digo promover, mas consentir na rutura duma unidade, que constituiu outr'ora o segrêdo do seu esmagador poderio, e que se voltou em factor primacial da sua comprovada impotência a resistir á torrente que a assedia e submerge. Igrejas nacionais, independentes de Roma, e entre si independentes, encontrariam talvez no exercicio duma liberdade que parece ser a condição de quanto vive, estímulo e decisão suficientes para renovar o que no catholicismo haja susceptivel de futuro: quero dizer, para reivindicar a melhor parte da moral, aquella que uma sadia aragem de hehenismo impregna, que um fresco sôpro de humanismo e tolerância incessantemente remoeça e vivifique.

O dogma, e até mesmo a disciplina, — o que importavam? O dogma é a grilheta do espirito, o invólucro rígido dum conceito, falso ou incompleto, que pereceu ou evoluiu, uma questão indifferente ou secundária para muitos catholicos fieis; e em todo o caso, não era a substituição da autonomia ás igrejas nacionais que alteraria a situação criada á metafisica romana pela critica moderna. O depósito dogmático podê-lo ia manter intacto cada igreja, como se guardam velhas reliquias de familia, com reverência e carinho, mas tambem com a condição de não virem espanjar-se á luz do sol.

A questão disciplinar, essa é mais séria, sendo possível, para não dizer provavel, que o rompimento da unidade tradicional determinasse modificações de certo vulto. Mas seriam essas modificações tão radicais, e sobretudo tão precipitadas que produzissem a confusão dentro da igreja que julgasse oportuno decretá-las? E cada clero nacional resolver-se-ia de ânimo leve a empreendê-las, em vez de respeitar a organização disciplinar, tal como Roma a impuzera? Esta última conjectura julgo ser a mais provavel. Classe alguma, nenhum corpo colectivo que sente a sua existência ameaçada e vê, de súbito, alargar-se ante os seus olhos o horizonte, vai levemente comprometer, com as suas po-

O NOSSO INQUERITO

Perante a soma tremenda de vergonhas cometidas pelo governo contra a Republica; perante o perigo de uma ditadura militar; perante o triunfo da reacção; perante a possibilidade da anistia a Paiva Couceiro, qual o caminho que se deve seguir?

Com um Parlamento republicano evitar-se-iam todas as ditaduras, a reacção não constituiria um perigo e nem sequer se falaria nunca em amnistia a Paiva Couceiro. Todo o mal provém do Parlamento que apoia o politico sinistro que é Antonio Maria da Silva. — *Morais Pereira.*

Tocar a reunir e, de maneira decisiva, demonstrar que não continuamos a tolerar esta bandalheira.

O fígure reaccionario aguarda o momento para o maior assalto...

Ou pedir ao Chefe do Estado a dissolução do Parlamento como medida de utilidade nacional ou então sem demora a choldra deve aplicar um revulsivo radical. A Republica tem tido bons medicos, mas, se não houver cuidado da parte da choldra, perdão dos enfermeiros, ela — quem sabe? morrerá. — PORTO, *João Ferreira Coelho.*

O Povo republicano, o Exército, a Marinha, os deputados que não estão vendidos aos grandes potentados, devem, em manifestação ordeira mas enérgica, dirigir-se ao Parlamento, com voz clara e sincera, cheia de patriotismo, dizer aos homens de bem, que tenham um gesto nobre correndo com o homem que preside ao governo: «Saia. Abandone esse lugar porque está atraindo a Patria e a Republica com as suas habilidades

sições adquiridas, a sua influencia social, e por maioria de razões, a esperança de continuar a mante-las no futuro. Supondo, porém, que a disciplina se alterasse, é positivo que os inconvenientes, quaisquer que fossem da reforma introduzida ficariam muito áquém das vantagens que resultariam da autonomia das igrejas.

Esquecer o dogma, melhor ainda, entregá-lo ousadamente ás controvérsias, afrouxar a disciplina, devolver, emfim, ao clero, manietado por essa dupla estrinça, disciplinar e dogmática, a plena liberdade de se mover entre os escolhos da nossa época agitada, seria, pois, talvez o meio, e o meio único, de subtrair a Igreja de Roma á tragica sorte que a espera. Para limitar as incoerências e coibir a dispersão, bastava o vínculo seguro da moral. Mas uma tal concessão, generosa e indispensavel, não será ela quem a faça. E nesta impossibilidade, ou, pelo menos, repulsa, intuitiva e visceral, por se amoldar aos novos tempos se revela o equívoco em que geralmente se labora a seu respeito, e em que ela mesma, provavelmente laborou. Quasi todos a imaginam sintese audaz e portentosa das aspirações comuns dos povos áricos; mas esta opinião é um preconceito. Não ha dúvida que ela se evadiu de Jerusalem aposentou Jehovah em Padre-Eterno, pôs nos lábios a subtil dialética dos sofistas e nos ombros a deslumbrante púrpura dos césares; e contudo, agora que lhe está proximo o momento supremo da agonia, é facil descobrir nela a alma judaica, estreita e dura, que desde o começo a inspirou.

políticas e pouco honestas, para servir os amigos, pondo de parte os mais sagrados deveres que devem usar todos os homens de bem.» — *Um assinante da «Choldra» e admirador das ideias esquerdistas.*

A Revolução pura e simples, sem perseguições odiosas, nem vinganças. Porque desta forma faremos duas conquistas: a do Poder, que legitimamente deve pertencer ás maiorias — e a maioria é da Esquerda — e a simpatia dos indiferentes, o que é bastante. — LISBOA, S. E., *fillado na E. D. e assinante de «A Choldra».*

Precisamos armarmo-nos tanto quanto possivel e termos a verdadeira coragem para correremos com todos os vendilhões e falcatruceiros desta nossa querida Patria. A's armas! — ARRAIOLOS, *Antonio Leal.*

Qual o caminho a seguir: Perante as vergonhas cometidas pelo governo contra a Republica? Expulsá-lo do Poder. Perante o perigo da ditadura militar? Expulsar do continente os aspirantes a ditadores. Perante o triunfo da reacção? Faze-la recuar á sua insignificancia. Perante a possibilidade da amnistia a Paiva Couceiro? O protesto activo de todos os republicanos de verdade — SINTRA, *Câmpos Duarte.*

De Athenas e de Roma só compreendeu o formalismo verbal e a instrumentação externa do dominio. Não concebeu, como as duas cidades geniais, o acôrdo dos espiritos pela Sciência e a harmonia dos actos pelo Direito; sonhou apenas uma fé simples e uma regra uniforme, engendrando, com tal loucura, ignorância e hipocrisia. Não conseguia alcançar que a intelligência implica um rectificar permanente, e a vontade um continuo adaptar; que o axioma scientifico e a fórmula juridica, ou ética, são condicionais e progressivas, uma espécie de moldes transitórios, mas elásticos, em que o pensamento e os actos humanos sucessivamente se definem e depuram. Crendo suplantiar as duas pátrias augustas onde nós todos, pensadores e cidadãos, vamos buscar luz e exemplo, proclamou-se imutavel e eterna: não viu que só perdura o que indefinidamente se transforma. A Grécia e a Itália sim, são eternas; porque a Grécia instruiu, não deformou, e a Itália educou, não destruiu. Mas a Roma papal é efémera; porque deturpou e demoliu os corações e os cérebros, porque não fez mais que fabricar ou cretinos ou hipócritas.

E fabricou tambem rebeldes...

Por isso te somos gratos, ó Santa Igreja de Roma! Neste momento de ancliedade, em que o nosso destino está em jôgo, não sabes inolar esse orgulho, esse néscio orgulho judaico, ao socêgo e ao bem-estar de teus filhos; nem te humanisas, nem morres. Perdôa então se para vivermos, for preciso exterminar-te.

Março 910. — *D'A Alma Nacional.*

BAZILIO TELES

NO MUNDO DESPORTIVO

O caso da "mulher a dias" do Sporting

—A visita dos grupos estrangeiros—

O treino dos prováveis, etc., etc.

Quando se disputava ainda o campeonato de Lisboa, num encontro particular jogado entre o Sporting e o Szombathely, por questões pessoais, originou-se dentro da sede do clube da elite, uma scena de pugilato entre varios jogadores.

Por esse facto, um dos defesas leoninos, que tinha motivado a desordem, «amou-se» e resolveu não mais jogar pelo clube.

Foi no meio desportivo um acontecimento verdadeiramente sensacional, a resolução tomada pelo Ferreira, do Sporting.

Alguem, que conhece bem a «engrenagem» do clube da «elite», numa pequena troca de palavras, elucidou-nos de que a resolução de J. Ferreira encobria um objectivo: aumento de salario.

Não acreditámos e tratámos de investigar, de molde que «A Choldra» não ficasse em branco... e de facto o nosso amavel informador tinha razão...

Os apaniguados e socios dos «Leões» que reconheciam em Ferreira qualidades que, de momento, não se podiam substituir... começaram manobrando de forma que a «ovelha» voltasse de novo ao redil.

Um «comité secreto» tomou conta das «operações» e teve a rara felicidade de conseguir demover o citado jogador do seu intento...

O «garoto», como lhe chamam os seus amigos... voltou de novo a jogar pelo clube, mas foi infeliz no seu reaparecimento. Nêsse jogo os «rapazes da praia» tinham conseguido «fazer a barba» ao leão... tirando-lhe as ultimas illusões.

Na gíria desportiva começou a ouvir-se então um novo dito: «A mulher a dias não joga hoje»... De que se tratava?

Depressa o soubemos. Como Ferreira, por doença ou por qualquer exigencia que não podia ser satisfeita, não jogasse todos os desafios, os «rapazes da rua» que são sempre uns palradores levados dos diabos, alcanharam-no de mulher a dias... não para fazer limpezas... mas sim para conseguir vitorias.

E como as mulheres a dias se fazem pagar caro... d'aí a alcunha de Ferreira.

Mas, o caso do defeza leonino, não é unico. Noutros clubes existem tambem casos identicos, que «A Choldra» a seu tempo divulgará, depois de ter o seu «dossier» completo.

Não somos partidários do *amadorismo puro*, porque entendemos que, na epoca actual, ninguem se pode perder... mas achamos indispensavel destrinçar qualidades e objectivos...

Que um jogador consiga uma «ajuda de custo» não nos causa assombro, antes pelo contrario. Mas que essa conquista se torne extensiva a todos.

Pará uns tudo... para outros nada... é que não!

Apesar do publico acreditar que o Sporting e o Bemfica são dois clubes rivais, as direcções destes dois agrupamentos «entendem-se» ás mil maravilhas.

O «Casuals», grupo amador inglês, foi desta vez o clube preferido pelos dois grupos, para com o seu

jogo «deslumbrar» o publico da capital e «encher a burra» dos clubes.

Mas o diabo tece-as.

O grupo inglês não correspondeu á fama de que vinha precedido nem aos reclamos pagos por bom dinheiro.

No seu primeiro jogo, o «Casuals» registava a sua primeira derrota, por um score que não traduzia a marcha do jogo.

Os «directores» para livrar responsabilidades, pois que dos seus erros de administração são unicos culpados... tiveram uma lembrança:

No segundo jogo os ingleses ganharam e no ultimo obteriam um empate...

E de facto assim succedeu.

Aos jogadores foi ordenado que era proibido marcar goals...

E os jogadores do Bemfica, para entreter o tempo e para que o publico se não apercebesse das ordens que havia, não jogaram o foot-ball, fazendo antes um treino de rugby...

O resultado é facil de calcular.

Os «directores» respiraram.

Agora sim, a massa salvará-se.

Mas o publico não foi no embrulho.

No jogo com o Sporting, os jogadores leoninos, treinaram-se no shoot ás traves e nas arvores que rodeiam o campo. Nada... que se metessem goals...

Com a visita do «Casuals» os nossos jogadores nada beneficiaram.

E os dois grupos rivais... tambem nada deviam ganhar...

Para apuramento dos prováveis, realizou-se no campo de Palhavã um treino contra o Furth, da Alemanha.

O jogo deixou bastante a desejar.

Os prováveis deram-nos a impressão, salvo algumas excepções, de impossiveis...

Venceu a selecção por 3 a 2 e está tudo dito.

Diz-se

— Que o Barão não vai desta vez levar as malas a Toulouse...

— Que o A. F de «Os Sports» tem desejos de voltar de novo para o Bemfica, mas que está com receio da porteira...

— Que a dar-se esse caso, o Victor Hugo voltava de novo a ser o melhor medio nacional... e o Abel, o alfaiate mais elegante e mais unhaca de Lisboa.

— Que os directores da Federação andam a estudar a forma de irem todos treinar a Toulouse.

— Que o Campos Junior vai fundar um novo periodico desportivo, para fazer mal á Foto, isto depois de fotografar 4 quilos...